



ISSN: 1984-4751

---

**O Ensino de Filosofia e o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação:  
aproximações pedagógicas**

**Ediel dos Anjos Araújo<sup>1</sup>  
Angelo Rodrigo Bianchini<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Neste trabalho é realizada uma reflexão sobre as possibilidades de aproximações pedagógicas entre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e o ensino de Filosofia na educação básica. Para tanto, tomamos como referência o pensamento dos filósofos Kant e Rancière a partir de duas categorias que compreendemos ser pertinentes para o objetivo deste trabalho: motivação e autonomia. Objetivando despertar motivação e autonomia nos discentes, nos propomos o uso da plataforma Edmodo e da ferramenta de construção de mapas conceituais *online* – CMAP, de modo que o ensino de Filosofia na educação básica seja mais motivador e leve à autonomia dos discentes. A pesquisa possui caráter bibliográfico e exploratório, tendo por base um estudo de caso a ser aplicada no Centro de Ensino Almirante Tamandaré, pertencente a rede estadual de educação do Maranhão.

**Palavras-Chave: Ensino; Filosofia; Tics; Autonomia; Motivação.**

**Introdução**

Pensar acerca do ensino hoje tem sido um grande desafio para os estudiosos. No caso do ensino de Filosofia esses desafios perpassam por uma série de questões que devem ser levadas em consideração, a exemplo, os novos interesses dos alunos, o lugar da filosofia na

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PROFI-FILO/UFMA. E-mail: araujo\_ediel@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PROFI-FILO/UFMA, Departamento de Educação II. E-mail: ar.bianchini@ufma.br

pólis, a verificabilidade desta enquanto ‘útil’ e a falta de motivação da comunidade estudantil pela disciplina (CERLETTI, 2009). É neste sentido que nos propomos nessa pesquisa a avaliar novas estratégias e novas metodologias de ensino de Filosofia a partir do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, para que a aprendizagem se torne mais dinâmica e interessante e que contribua para o desenvolvimento da autonomia dos discentes.

Assim, podemos pensar a respeito da importância científico-social de pesquisar acerca do ensino de Filosofia em sala de aula a partir de novas metodologias e recursos, como uma nova etapa de saberes de relevância social, que devem ser validados pela sociedade contemporânea na construção de valores humanos, da ética e de respeito mútuo. Do ponto de vista acadêmico e escolar, a adoção das TICs como metodologia de ensino de Filosofia não somente amplia a motivação para o desenvolvimento da capacidade criativa, como favorece a ação de liberdade de cada sujeito – no caso, o aluno – para que manifeste a sua autonomia e expressão de vida e de mundo.

No contexto dessa possibilidade no ensino contemporâneo, vale citar que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), “o uso de ferramentas eletrônicas na educação tem sido cada vez mais importante e necessário” (UNESCO, 2011, p.109). Desse modo, novas modalidades de ensino têm sido proporcionadas pelas TICs, área que trouxe o espaço cibernético, a virtualidade e as interações sociais na rede, e inseriu o ensino de Filosofia como uma oportunidade de despertar o interesse para o fazer filosófico.

As razões de chamada para o interesse acadêmico de investigar a prática da filosofia, com a hipótese de que ao inserir o aluno no *meio cibernético da ágora*, o docente propicia a ele o desenvolvimento da interação filosófica, como mediador e orientador, instruindo-o sobre sua tomada de posicionamento e autonomia na formação cidadã, a exemplo do que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [BRASIL, 1996], se fazem de forma pertinente, contextualizada, e porque não dizer imperiosa, visto que novas propostas de ensino devem ser pesquisadas e analisadas do ponto de vista de suas eficácias e eficiências metodológicas e pedagógicas, investigando seus alcances e limites.

Desse modo, é realidade que, para que essa atuação seja competente, faz-se necessário consolidar fundamentos para que se institua uma prática diferenciada do ensino de Filosofia, que considere os sistemas de ensino atualmente utilizados e a experiência docente (sobre essa

ciência) em conjunto com a análise e a produção de materiais didáticos para a filosofia nos ensinos fundamental e médio.

Assim, o tema que julgamos pertinente ao nosso enfoque neste trabalho diz respeito ao ensino da Filosofia na escola básica nacional contemporânea, considerando que estamos, hoje, para além da ágora<sup>3</sup> da Grécia Antiga. Temos, portanto, a ressignificação do ensino de Filosofia a partir do uso das TICs.

Atualmente, o que temos de mais próximo e vibrante dessa antiga ágora é o meio virtual, o ciberespaço, que se tornou “uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2003, p. 114-115). É nesse contexto – um novo local de encontro - que se torna possível o ingresso à discussão filosófica, no qual o senso comum é modificado e o participante consegue expressar sua vontade e opinião. Gelamo (2009), no que diz respeito ao ensino de Filosofia, menciona três problemas que se inter-relacionam:

- (1) O entendimento da importância do ensino da filosofia para a sociedade, para a cultura e para a formação crítica do homem;*
- (2) a reflexão sobre os temas importantes a serem ensinados e sobre o currículo; e (3) a procura por uma metodologia do ensino da filosofia e do ensino do filosofar. (GELAMO, 2009, p. 98)*

O autor comenta que estas são três imagens do pensamento que permitem circunscrever a sua ortodoxia, sendo elas o espaço no qual deve estar aqueles que se dedicam a pensar o ensino da disciplina, ou seja, esses “(...) seriam os lugares-comuns a partir dos quais a Filosofia, quando pensa seu ensino, se coloca para filosofar.” (GELAMO, 2009a., p. 98)

Ao abordarmos a ideia de espaços diferenciados para o ensino, estudo ou exercício de filosofia, pode-se citar alguns questionamentos (JANZ, 2004, p. 105): “De onde é (melhor) que a Filosofia vem (venha)?” e “Onde tem lugar a questão sobre o direito à Filosofia?”. Essas mesmas dúvidas já foram registradas por Jacques Derrida com teor incisivo e inquisitivo:

---

<sup>3</sup> “Um lugar em que cidadãos se reuniam para grandes deliberações” (GHIRALDELLI, 2009, p. 15-16). Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.27 – Edição Temática IX– III Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação (III-SNTDE). UFMA - [tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br](http://tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br)

*“Começarei com a questão “onde? ”. Não diretamente com a questão “onde estamos? ”, ou “como chegamos? ”, mas “onde tem lugar a questão sobre o direito à Filosofia? ”, que pode ser imediatamente traduzida por “onde ela deveria ter lugar? ”. Onde é que ela encontra hoje o seu lugar mais apropriado? (DERRIDA apud JANZ, 2004, p.105)*

Com base nas questões de Derrida (apud Janz, 2004) sobre o direito à filosofia, onde ela deveria ter lugar e onde hoje ela encontra seu lugar mais apropriado, caracteriza-se ainda uma discussão sobre se as condições da Grécia Antiga eram ideais ao desenvolvimento da filosofia e, ainda, se essa “*ciência*” “requer condições sociais, culturais ou políticas específicas, ou talvez um ambiente urbano, uma *polis*, para se desenvolver” (JANZ, 2004, p. 105).

Trazendo esta perspectiva para a educação, e em especial para o ensino da Filosofia na escola e o lugar que esta ocuparia entre as disciplinas, podemos dizer que não há limitações geográficas, pois, a Filosofia alcança a relação – ou seja, vive em um lugar que é de todos e têm relações com disciplinas ditas adjacentes, indicando proximidade intelectual com aquelas que fazem parte *das humanidades*. Podemos pensar que, em razão de sua natureza abstrata e conceitual, a filosofia pode ser tanto ensinada em sala de aula quanto na selva; em ambiente urbano ou rural; entre filósofos profissionais e não profissionais; em uma fábrica ou em uma reunião de executivos; em um país desenvolvido ou em um que esteja em desenvolvimento (JANZ, 2004) Destarte, não havendo rigidez ou conveniência em relação ao lugar no qual se desenvolve a filosofia, a contemporaneidade vem trazendo como local de discussão o espaço cibernético, virtual. Lévy (2001) afirma:

*Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade*

*e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente. (LÉVY 2001, p.18)*

Lévy (1997) pressupõe a virtualização como dinâmica, apontando-a como um “movimento inverso da atualização”, pois atua como mutação de identidade, nunca como uma solução; antes, atua como encaminhamento da busca da consciência em um campo problemático, caracterizando-se como um dos vetores essenciais da criação da realidade.

*Em Newton, tempo e espaço ainda eram absolutos e mantinham-se em referência mútua. Einstein relativizou o tempo e o espaço, mas a relação entre um e outro permaneceu. Tendências filosóficas, sobretudo Kant, a **filosofia da vida** e a filosofia da existência, bem como muito antes, Agostinho – ainda que com grandes diferenças – haviam deslocado o tempo, transferindo-o do objeto para o sujeito, para a “existência” e a subjetividade. Em Kant, o espaço e o tempo são formas apriorísticas da intuição no âmbito da cognição sensível. (KOLB, 2001, p. 16, grifo do original)*

Atualmente, um assunto que ganha destaque e discussão no âmbito acadêmico é sobre as classes sem fronteiras, a ágora eletrônica, o seminário *World Wide Web*, a classe mundial e as demais metáforas que indicam que algo está acontecendo no campo da filosofia e, com maior ênfase, no ensino e na pesquisa filosófica na era do *ciberespaço*, ou seja, do meio eletrônico conhecido como *internet* (URSUA, 2006). Segundo Kolb (2001):

*[...]na internet, espaço e tempo perdem sensivelmente seu significado, especialmente o espaço; no mínimo têm seu status alterado. Já não é preciso mais ir a (quase) nenhum lugar para resolver as coisas, para exercer a própria profissão, para fechar negócios, fazer conferências. (KOLB, 2001, p.16).*

Ao funcionar como um meio de comunicação, a internet não se traduz simplesmente como resultado do uso de ferramentas específicas, que incluem o correio, as salas de *chats* e os comentários, e sim, em razão de que tais mecanismos contribuem para desestabilizar o repositório em permanente construção. Sobre isso, Moreira (2005) ressalta:

*A internet oferece todas as possibilidades com as quais nem mesmo os mais entusiastas escritores de ficção ou os utópicos sonhadores de Alexandria poderiam sonhar. A quantidade de informações é tal, que com menos de 12 anos de idade pode-se ter tido acesso a um número muito superior do que aquele que um adulto na Idade Média seria capaz de recolher durante toda a sua vida. (MOREIRA 2005, p. 60)*

De acordo com Barros e Henriques (2011, p. 9), os “(...) novos ambientes virtuais de aprendizagem têm como tendência novas percepções e formatos de concepção de educação, *on line*, aberta”. Levando esse comentário em consideração, podemos destacar a estrutura dos novos ambientes virtuais e as implicações destes para a prática pedagógica autônoma, bem como as propostas de formação contínua para os docentes como formas de estímulo constante do aprender a aprender nas sociedades da informação e do conhecimento. Esse mesmo pensamento é afirmado por Goulão (2011, p. 77-78, grifo do original), para quem o momento é de “ensinar os estudantes a aprender – *aprender a aprender* – recorrendo a metodologias motivadoras e flexíveis, onde se integrem diferentes recursos didáticos, conteúdos dinâmicos e interativos”.

Sendo assim, neste trabalho buscamos realizar uma reflexão acerca do uso das TICs como um instrumento para o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Filosofia, que vá ao encontro do contexto, dos interesses e das indagações contemporâneas do adolescente do ensino básico, de forma que suscite nele a motivação para aprender a pensar filosoficamente e de forma autônoma.

A busca por uma compreensão acerca das possibilidades de uma aproximação pedagógica das TICs com a área de Filosofia decorre da nossa trajetória profissional como professor de Filosofia da Educação Básica que compreende a importância da reflexão e inclusão de novas metodologias na prática educativa. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre as possibilidades de uma aproximação pedagógica do ensino de

Filosofia com as TICs como uma alternativa dinâmica e contemporânea de oferecer aos alunos a oportunidade de efetuar a problematização, trazendo as proposições clássicas dos grandes filósofos e provocando tensionamentos sobre elas, assim como despertar mais motivação e autonomia discente para o processo de ensino e aprendizagem.

### **O ensino de Filosofia e o uso das TICs: motivação e autonomia**

Com o propósito de refletirmos sobre as possibilidades de uma aproximação pedagógica sobre o ensino de Filosofia e o uso das TICs neste trabalho lançamos mão de duas categorias que compreendemos ser importante: a motivação e a autonomia. Conforme apontam Aguiar e Ozella (2013) para haver motivação é necessário, portanto, que haja a necessidade, a vontade. De acordo com os autores, as “necessidades estão sendo entendidas como um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vista a satisfação, dependendo das suas condições de existência” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 306). Ou seja, para que o processo de ensino se caracterize como uma atividade de aprendizagem é necessária que as ações pedagógicas propostas despertem a necessidade dos alunos a partir do seu contexto social, existencial.

Rancière (2004) traz ao debate uma discussão importante sobre as possibilidades de emancipação que as novas metodologias de ensino podem trazer. Para o autor, pensar a educação é pensar métodos. Em seus escritos aparecem críticas à pedagogia tradicional que pensava os alunos como aqueles que precisavam ser iluminados, de modo, que ensinar seria iluminar os alunos (sem luzes). Diferente desta visão, Rancière (2004) entende o processo de ensino e aprendizagem como aquele que é capaz de emancipar os discentes, que pode levar a autoconstrução dos sujeitos. Neste sentido, para o autor há uma diferença entre o mestre explicador (pedagogia tradicional) e mestre emancipador (o mestre que apenas indica o caminho), discorrendo que a vontade é a fundamentação, o start para a busca do conhecimento. O professor, na perspectiva de um mestre emancipador, é aquele que indica o caminho, sendo que o caminhar e a trilha a ser escolhida se dará a partir dos sujeitos (discentes). Conforme menciona:

*O mestre emancipador: essas contingências haviam tomado, na circunstância, a forma de recomendação feita por Jacotot. Disso adivinha uma consequência capital, não mais para os alunos, mas*

*para o mestre. Eles haviam aprendido sem mestre explicador, mas não sem mestre. Antes não sabiam, e, agora, sim. Logo, Jacotot havia lhes ensinado algo. (...) entre o mestre e o aluno se estabelecera uma relação de vontade a vontade: relação de dominação do mestre, que tivera por consequência uma relação inteiramente livre da inteligência do aluno com aquele livro. (RANCIÈRE, 2014, p. 30 e 31).*

Conforme pode ser observado, o que o mestre emancipador proporcionou foi exatamente dar autonomia e estimular a vontade de seus alunos para que estes pudessem ter a iniciativa e buscassem aquilo que até então não sabiam, neste caso, entender outra língua. Sem a figura de um mestre explicador, tiveram a vontade, a motivação, e assim conseguiram superar as dificuldades e se apropriaram daquilo que estava sendo proposto pelo mestre.

*Ele estava esperando por terríveis barbaridades ou, mesmo, por uma impotência absoluta. Como, de fato, poderiam todos esses jovens, privados de explicações compreender e resolver dificuldades de uma língua nova para eles? (...), mas, qual foi a surpresa quando descobriu que seus alunos, abandonados a si mesmos, se haviam saído tão bem dessa difícil situação quanto o fariam muitos franceses. (RANCIERE, 2004, p. 18)*

Até este acontecimento, todos acreditavam ser necessária a figura de um mestre explicador para levar os alunos (sem luzes), à claridade, à ciência. Em outras palavras o ato essencial do mestre explicador era explicar, ensinar era o mesmo que transmitir conhecimento, levando os sem luzes ao processo de conhecimento. Com esta outra possibilidade de aprendizagem de forma quase autônoma movida pela motivação, leia-se vontade, vêm à tona outra questão:

*Ninguém nunca sabe, de fato, de tudo, o que compreendeu. E, para que compreenda, é preciso que alguém lhe tenha dado uma explicação, que a palavra do mestre tenha rompido o mutismo da matéria ensinada. (RANCIERE, 2004, p. 20 e 21).*



Aparece nas entrelinhas a crítica à pedagogia tradicional acerca do mestre explicador. Este é visto como sendo “o único juiz do ponto em que a explicação está, ela própria, explicada. Ele é o único juiz dessa questão em si mesma vertiginosa.” (RANCIERE, 2004, p. 21). E neste caso, como o autor comenta, leva ao ‘embrutecimento’. Diferente deste pensamento, o segredo do mestre emancipador deve ser, “saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre aprender e compreender. O explicador é aquele que impõe e abole a distância.” (RANCIERE, 2004, p. 22).

O aprender estaria relacionado a visão de que os *sem luzes* são apenas receptáculos a serem preenchidos com informações (ciência), diferente daquele que compreende, que por sua vez, recebe as informações, analisa-as e as reconstrói de forma crítica, e neste ponto estaria ligada a relação direta entre ensinar e aprender, entre o mestre enquanto aquele que aponta o caminho em meio a densa floresta afirmando seu reencontro com seus aprendizes ao final da trilha. Diferente do mestre explicador que já apresenta o pensamento pronto e acabado para que os *sem luzes* apenas assimilem tais informações de forma acrítica. Como Racière (2004) escreve:

A explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. É, ao contrário, essa incapacidade, a ficção estruturante da concepção explicadora do mundo. É o explicador que tem a necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato pedagógico, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos. O procedimento próprio do explicador consiste nesse duplo gesto inaugural: por um lado, ele decreta o começo absoluto – somente agora tem início o ato de aprender; por outro lado, ele cobre todas as coisas a serem aprendidas desse véu de ignorância que ele próprio se encarrega de retirar. (RANCIÈRE, 2004, p. 23 e 24).

Do ponto de vista do acaso e da vontade, fica claro que alguns alunos aprenderam de forma autônoma a falar e a escrever em francês sem o socorro de um ‘mestre explicador’.

Neste ponto em específico fica clara a questão da vontade autônoma para o querer aprender. É nesta perspectiva que nossa proposta de inserção da TICs se coaduna com a proposta de Rancière.

Ele os havia deixado sós com o texto de Fénelon, uma tradução – nem mesmo interlinear, como era uso nas escolas – e a vontade de aprender o francês. Ele somente lhes havia dado a ordem de atravessar uma floresta cuja saída ignorava. A necessidade o havia constringido a deixar inteiramente de fora sua inteligência, essa inteligência mediadora do mestre que une a inteligência impressa nas palavras escritas àquela do aprendiz (RANCIERE, 2004, p. 26).

Entendemos que ao inserir as TICs nas aulas de Filosofia na educação básica, em especial no ensino médio, elas possibilitem ao docente organizar as ações pedagógicas na direção que Rancière (2004) aponta em suas reflexões acima expostas, ou seja, possibilitar um espaço para que diferentes caminhos possam ser trilhados pelos discentes, já que um dos grandes fatores de motivação dos adolescentes na atualidade se encontram nas chamadas redes de relações sociais, no *ciberespaço*. Vale ressaltar, que no contexto das relações sociais modernas, a internet é/ou se torna uma importante ferramenta na construção dessas novas vivências. As redes sociais midiaticizadas passam a constituir um espaço mediador para o processo de ensino e aprendizagem, tornando as aulas de Filosofia mais dinâmicas e motivadoras para despertar a autonomia discente.

Na mesma linha de raciocínio, Kant (1999) faz uma análise a respeito da questão da educação. Segundo o filósofo, a educação seria o processo de disciplinarização e a instrução se daria com a formação. Entendendo e dividindo a educação em duas fases: a educação física e a educação prática. Sobre a disciplina descreve como esta é capaz de transformar a ‘animalidade em humanidade’. O homem teria nesse sentido necessidade de sua própria razão, uma vez que segundo o filósofo, o homem não tem instinto, e precisa, portanto, formar por si mesmo sua própria conduta, apontando para certa autonomia. Como ele escreve: “A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade. Uma geração educa a outra” (KANT, 1999, p. 12). Nessa perspectiva, aquilo que tornaria o homem um verdadeiro homem seria a educação, este seria exatamente aquilo que a educação dele o faz. A formação aqui é entendida como disciplina e instrução. Escreve:

Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os tornam mestres muito ruins de seus educandos. [...], se por um lado, a educação ensina alguma coisa aos homens e, por outro lado, não faz mais que devolver nele certas qualidades, não se pode saber até aonde nos levaria as nossas disposições. (KANT, 1999, p. 15)

Traçando um paralelo com a nossa realidade, tais ideias podem ser atualizadas no sentido de pensar a cidadania, sendo necessário, portanto, pôr em prática a questão disciplinar para não nos tornarmos animais. Kant (1999) propõe que a educação está diretamente ligada à cultura, assim quem de algum modo não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não é disciplinado ou educado é um selvagem. E caminha na direção de que o processo de educação acaba passando por processos de evolução.

Talvez a educação se torne sempre melhor e cada uma das gerações futuras dê um passo a mais em direção a um aperfeiçoamento da humanidade, uma vez que o grande segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação ” (KANT, 1999, p. 16)

Kant (1999) entende que a educação é uma arte que precisa ser aperfeiçoada de uma geração para outra, assim podemos ver a possibilidade de inserção das TICs como esse caminho para o aperfeiçoamento do ensino. A arte da educação ou da pedagogia deve, portanto, ser raciocinada. Kant comenta:

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. De posse dos conhecimentos das gerações precedentes está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daqueles, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 1999, p. 19).

No intuito de refletir sobre os conceitos de autonomia, lançamos mão neste trabalho da compreensão apresentada pelo filósofo Kant (1985) Em seus escritos “*Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?*”. O Filósofo relata a autonomia como a saída racional da *menoridade* para a *maioridade*. Neste sentido, se percebe que a principal característica de um agente racional perpassa o caminho da autonomia. Oferecendo a liberdade ao sujeito encaminhado

Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.27 – Edição Temática IX– III Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação (III-SNTDE). UFMA - [tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br](http://tecnologiasnaeducacao.pro/tecedu.pro.br)

pela razão que, por conseguinte, levará ao esclarecimento. Sendo assim, no aspecto educacional a autonomia pode ser destacada como um elemento essencial, uma vez que uma “boa educação é justamente a fonte de todo bem nesse mundo.” (NODARI E SAUGO apud KANT, 2002, p. 23), tornando-se, portanto, necessária uma adequação do ensino para que o sujeito se torne autônomo e esclarecido.

Neste sentido, torna-se necessário equilibrar a educação mecânica, baseada nos acontecimentos empíricos, e a raciocinada, esta, por sua vez, oriunda dos conceitos puros da razão. Assim, Kant propõe a educação pública como fomentadora da maioria e considera a educação, neste sentido, uma arte.

Kant concebe a educação como uma arte e não como um conhecimento, pelo fato de que, se fosse uma ciência, isto é, um conhecimento independente da experiência, então ou o homem não seria livre, ou a razão poderia chegar ao absoluto, que pertence a Deus. A ideia de liberdade impõe à educação a tarefa de analisar a passagem do estado de selvageria à condição de ser sociável. (NODARI; SAUGO, p. 114, apud KANT, 2002, p. 23)

Como é apontado por Kant (2002), pensar autonomia seria dar liberdade ao outro para que este possa deixar de ser tutelado por outrem e passe a agir por si mesmo, o que no âmbito deste trabalho compreendemos que as TICs, em especial as redes sociais midiáticas, dariam essa possibilidade para o professor pensar sua prática pedagógica.

Ademais, com uma mudança de paradigma na educação, sendo trazido para a contemporaneidade um ensino centrado no aluno, caracteriza-se uma metodologia que coaduna com a forma de utilização pelos estudantes das chamadas redes sociais. Nesta direção, podemos destacar como possibilidades o uso da plataforma Edmodo<sup>4</sup> como uma rede social que poderá permitir a construção dessas atividades colaborativas, a exemplo da

---

<sup>4</sup> O Edmodo é uma plataforma para o gerenciamento da aprendizagem (Learning Management System - LMS), desenvolvido por meio de computação na nuvem. O Edmodo oferece um ambiente virtual seguro para a interação da comunidade escolar. Professores podem dispor de salas de aula on-line, compartilhar conhecimentos e conduzir trabalhos. Tarefas de casa também podem ser feitas, corrigidas e comentadas no próprio Edmodo, que dispõe, para isso, de softwares integrados. As ferramentas de edição permitem ao professor inserir marcações, comentários e correções nos documentos. Além disso, os arquivos armazenados na biblioteca podem ser acessados a partir de qualquer computador ou smartphone. Os participantes podem compartilhar materiais de estudo, links, apresentações, vídeos, além de acessar tarefas, notas e avisos escolares. A parte gráfica da plataforma oferece experiência de usuário semelhante a do Facebook, é intuitiva e de fácil manejo.

produção de vídeos, fóruns, assim como, também, o uso da ferramenta CMAP TOOLS<sup>5</sup>, onde os alunos constroem Mapas Conceituais colaborativos, estimulando-os a pensarem por si mesmos.

Por meio destas ferramentas, os estudantes criam uma rede de contatos e de partilha de informações e de conhecimentos, que tem foco em seu perfil e são ampliados conforme surgem as necessidades de comunicação e de desenvolvimento social (MIRANDA et al, 2011) De acordo com a visão da Unesco (2011):

Os departamentos de filosofia estão cada vez mais usando a internet e a intranet como recursos para facilitar os estudos dos alunos. Essa prática ainda não se generalizou, mas 18 relatórios recebidos (44%) discutiram positivamente a utilização desses recursos. E em três relatórios recomendou-se que os departamentos deem mais importância para o desenvolvimento de recursos da internet para o ensino. (UNESCO, 2011, p.109)

### **Considerações finais**

A partir das reflexões feitas pelos autores apresentadas neste trabalho, compreendemos que o uso das TICs é uma possibilidade para que o ensino de Filosofia remeta ao uso das redes sociais midiáticas como canal de comunicação entre os alunos e que se concretize a ideia de uma ágora virtual, conforme pressupõem Lemgruber e Torres:

O computador/internet torna-se uma nova praça pública, que, através de seus diversos programas de relacionamentos, constitui-se num lugar comum para o embate de ideias, reflexões e exposição das diferentes opiniões (2010, p.03).

Vale ressaltar também, que entre as sugestões para o ensino de Filosofia, a Unesco (2011) recomenda o uso do computador e da internet como ferramentas que podem ajudar na promoção da prática filosófica, bem como a criação de uma revista eletrônica na língua local.

---

<sup>5</sup> O Cmap Tools é uma ferramenta distribuída gratuitamente pelo IHMC, que a disponibiliza em conjunto com outras ferramentas com o objetivo de proporcionar ambientes colaborativos e prover os estudantes de meios de colaborar em nível de conhecimento, permitindo que os usuários construam mapas conceituais e dividam o conhecimento expresso em seus mapas com outros estudantes.

Desse modo, entendemos que as TICs podem trazer novas perspectivas ao ensino de Filosofia, uma vez que podem propiciar um espaço para a discussão filosófica, com características semelhantes as suas raízes gregas. Consideramos que os ambientes constitutivos da virtualidade podem sofrer comparação com outros lugares de mediação, participação, democracia e inclusão, a exemplo da ágora grega. A condição de professor exige um novo momento da educação escolar, em que as TICs poderão contribuir com o aluno e o professor como um instrumento para o diálogo, como um *locus* para o conhecimento científico e artístico, mas, especialmente, como “um ponto de partida para o saber, o encontro e a reflexão filosófica, que formam e transforma o homem.” (TORRES, 2009, p. 9).

É nesta perspectiva que compreendemos a plataforma *Edmodo* como uma ferramenta que poderá auxiliar na busca da autonomia e motivação, uma vez que a mesma funciona como uma rede social, em que existe a possibilidade dos alunos produzirem vídeos, músicas, fotografias, textos (ideias) e postarem suas produções para que sejam curtidas, comentadas e discutidas entre os membros da sala. Além da produção de atividades colaborativas com o uso da ferramenta online CMAP, que poderá estimular a criatividade dos alunos e auxiliá-los no processo de assimilação e reflexão dos conteúdos. Entendemos que desta forma, o professor como colocado por Rancière (2004) anteriormente, se torna o estopim para a produção de conhecimentos, aquele que vai despertar a motivação, levando os discentes à autonomia produtiva. Despertando os seus alunos de seus ‘sonos dogmáticos’, levando-os à *maioridade racional*, sendo aquele que indica a floresta a ser trilhada por seus alunos.

## Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de e OZELLA, Sergio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação.** *Rev. Bras. Estud. Pedagog.* [online]. 2013, vol.94, n.236, pp.299-322. ISSN 2176-6681. <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf> acesso em: 14 de junho de 2017

BARROS, D.M.V.; HENRIQUES, S. Introdução. In: BARROS, D.M.V.et al. (Org). **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas.** Intaead: Lisboa, 2011.

BELLUZZO, R. C. B.; FERRES, G.G. **Tecnologias e a formação de leitores: desafios na sociedade contemporânea.** Intaead: Lisboa, 2011.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União, Poder Legislativo**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03?leis?19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03?leis?19394.htm)>. Acesso em: 16 dez. 2015.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. (Tradução Ingrid Muller Xavier). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COLÉGIO JOANA D'ARC. **Edmodo, a rede social da educação**. Disponível em: <http://www.colegiojoanadarc.com.br/edmodo>. Acesso em junho de 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: 2007 (Coleção Trans).

GELAMO, R.P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de Filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História essencial da filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009, v. 2.

GOULÃO, M. DE F. **Ensinar a aprender na sociedade do conhecimento: o que significa ser professor?** Intaead: Lisboa, 2011.

JANZ, B. **A filosofia como se o lugar importasse: a situação da filosofia africana**. In: CAREL, H.; GAMEZ, D. *Filosofia contemporânea em ação*. Porto Alegre: Artmed, 2004. P.105-116.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é o esclarecimento?** In: *Textos Seletos*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KANT, Immanuel (1724 – 1804), **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H-W. (org.) **Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LÉVY, P. **Filosofia World: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LEMGRUBER, M.S.; TORRES, L.T. **O blog como ambiente de reflexão filosófica na escola: a nova ágora virtual**. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTOS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2010, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

MIRANDA, L.M. et al. **Redes sociais na aprendizagem**. In: BARROS, D.M. V. et al. Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas. Intaead: Lisboa, 2011.

MOREIRA, W. **Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica**. Ciência da Informação, Brasília, v.34, n.1, p. 57-63, jan./abr.2005.

NORADI, Paulo; SAUGO, Fernando. **Esclarecimento, educação e autonomia em Kant. Conjectura**, Rio Grande do Sul, v. 16, n.1, jan./abr.. 2011. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/892/615>>. Acesso em: maio de 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílian do Valle – 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. **Cmap Tools - Mapas Conceituais**. Disponível em:< <http://www.diaadia.pr.gov.br/> >Acesso em junho de 2017.

TORRES, L. **Ágora virtual: novos rumos – primeiro ano do ensino médio**. 11 mar. 2011. Disponível em:< <http://agoravirtual2.blogspot.com.br/>>. Acesso em: outubro de 2014.

UNESCO. **La filosofía: una escuela de la libertad**. México, D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Iztapalapa, 2011. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001926/192689s.pdf>; <[http://www.ofmx./documentos/pdf/Filosofia\\_unaescueladelalibertad\\_UNESCO.pdf](http://www.ofmx./documentos/pdf/Filosofia_unaescueladelalibertad_UNESCO.pdf)>. Acesso em março de 2015.

URSUA, n. 1. **La filosofía em el ciberespacio o el resurgir del fénix filosófico digital**. Um recorrido por el ciberespacio filosófico. Límite, v.1, n.14, p. 215- 237, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/836/83601410.pdf>>. Acesso em: maio de 2015.



**Recebido em novembro 2018**

**Aprovado em novembro 2018**